

As palestras de Dom Hélder Câmara: reflexões sobre humanismo, comunismo e desenvolvimento socioeconômico para o mundo subdesenvolvido na década de 1960

Márcio André Martins de Moraes*

Resumo

No decorrer deste artigo, analisaremos a produção intelectual de Dom Hélder em torno dos temas do humanismo, comunismo e desenvolvimento socioeconômico a partir das concepções da doutrina social da Igreja, no decorrer dos anos 1960. Nesse momento histórico, o Brasil estava sob uma ditadura civil-militar e, em âmbito mundial, existiam as tensões oriundas da Guerra Fria, que influenciavam as relações políticas e comerciais entre as nações. Nesse cenário, pretendemos problematizar como o uso e as modificações na aplicação do termo desenvolvimento por Dom Helder Câmara estiveram em diálogos com a doutrina social da Igreja e levaram à elaboração de uma perspectiva que classificamos como de desenvolvimento integral.

Palavras-chave: Dom Helder Câmara; humanismo; comunismo; desenvolvimento; doutrina social da Igreja.

The lectures of Dom Hélder Câmara: reflections on humanism, communism and socioeconomic development for the underdeveloped world in the 1960s

Abstract

Throughout this article, we will analyze Dom Hélder's intellectual production around the themes of humanism, communism and socioeconomic development from the conceptions of the social doctrine of the Church, during the 1960s. civil-military dictatorship and, worldwide, there were tensions arising from the Cold War, which influenced political and commercial relations between nations. In this scenario, we intend to problematize how the use and modifications in the application of the term development by Dom Helder Câmara were in dialogue with the social doctrine of

* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Graduado em licenciatura Plena em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

the Church and led to the elaboration of a perspective that we classify as integral development.

Keywords: Dom Helder Câmara; humanism; communism; development; social doctrine of the Church.

Las conferencias de Dom Hélder Câmara: reflexiones sobre humanismo, comunismo y desarrollo socioeconómico para el mundo subdesarrollado en la década de 1960

Resumen

A lo largo de este artículo, analizaremos la producción intelectual de Dom Hélder en torno a los temas del humanismo, el comunismo y el desarrollo socioeconómico desde las concepciones de la doctrina social de la Iglesia, durante la década de 1960, durante la dictadura cívico-militar y, a nivel mundial, surgieron tensiones de la Guerra Fría, que influyó en las relaciones políticas y comerciales entre las naciones. En ese escenario, pretendemos problematizar cómo el uso y las modificaciones en la aplicación del término desarrollo por parte de Dom Helder Câmara dialogaron con la doctrina social de la Iglesia y llevaron a la elaboración de una perspectiva que catalogamos como desarrollo integral.

Palabras clave: Dom Helder Câmara; humanismo; comunismo; desarrollo; doctrina social de la Iglesia.

1. Introdução

Este artigo possui como meta analisar como o Arcebispo Dom Hélder Câmara procurou articular em seus escritos os temas do humanismo, comunismo e desenvolvimento socioeconômico com a doutrina social da Igreja, no decorrer da década de 1960. Nesse sentido, discutindo o esforço desse clérigo na inclusão de uma perspectiva cristã em propostas de desenvolvimentismo social e econômico para países/regiões em subdesenvolvimento, com destaque para o Nordeste brasileiro. No decorrer das próximas páginas, construiremos uma narrativa que indicará os caminhos e redes de relações desse arcebispo na luta contra as injustiças sociais e na defesa de um projeto de desenvolvimento norteado pelo pensamento cristão.

O cearense Helder Câmara (1909-1999) foi ordenado sacerdote católico em 15 de agosto de 1931, sendo transferido de Fortaleza para o Rio de Janeiro no ano de 1936. Permaneceu em território carioca até o ano de 1964, chegando a posição de Arcebispo-Auxiliar do Rio de Janeiro, sob as ordens do Cardeal Dom Jaime Câmara. Entre os anos de 1964 a 1985, Dom Helder Câmara ocupou o posto de Arcebispo Metropolitano de Olinda e

Recife, tornando-se um dos personagens de maior destaque na Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil e no mundo.

Importante ressaltar que dedicaremos nossa atenção para a produção intelectual de Dom Câmara e não para tratar propriamente de teorias macroeconômicas e políticas sobre propostas de desenvolvimento de governos ou instituições específicas. Dessa maneira, nosso objetivo é o de analisar Dom Helder Câmara, um dos principais representantes da Igreja Católica durante a ditadura militar brasileira, enquanto um sujeito atuante pela defesa de ideias de um desenvolvimento humanitário e cristão para as nações/regiões mais pobres do mundo. Essa perspectiva nos possibilitou uma narrativa histórica singular sobre a atuação desse arcebispo como pensador e ator político em relação aos movimentos e/ou perspectivas desenvolvimentistas no país.

No caso de nossa pesquisa, decidimos voltar nossa atenção para a atuação de Dom Helder Câmara durante os anos 1964 a 1970, recorte temporal que corresponde ao que o arcebispo em questão classificou: “a década do desenvolvimento” (CÂMARA, 1964. p. 1 e 7; 1966g. p. 2; 1966f. p. 2; 1967d. p. 2; 1968e. p. 1). Dentro desse cenário histórico, estabelecemos como objetivo compreender as nuances relativas às concepções desse religioso sobre o conceito e os projetos de desenvolvimento socioeconômico para nações/regiões pobres frente às diferenças sociais, econômicas e tecnológicas que contrastavam as realidades dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Considerando que em meio a essa abordagem, procuramos discutir também como ele procurou articular e/ou divulgar esses projetos desenvolvimentistas a partir de um humanismo cristão.

Nesse contexto, encontramos um Dom Helder Câmara envolvido em processos históricos que abarcavam tanto a reformulação das estruturas da doutrina da Igreja Católica com o Concílio e as Conferências na América Latina, tendo como um dos seus reflexos a criação da Teologia da Libertação (TL) (GUTIÉRREZ, 1985; BIDEKAN, 1985; LÖWY, 2007; 2016), como também das mudanças políticas do país com a queda do regime democrático, a instauração de uma ditadura civil-militar e o endurecimento do regime com a edição do Ato Institucional nº5, em dezembro de 1968 (SERBIN, 2001; NAPOLITANO, 2014). Nesse cenário, ainda elencamos a apresentação de Dom Helder Câmara em Paris, no ano de 1970, quando ele denunciou as torturas contra presos políticos no Brasil. Esse momento marcou também uma mudança nos discursos desse Arcebispo que começou a dar prioridade

ao tema dos direitos humanos. Em âmbito mundial, o panorama político estava marcado pela bipolarização política do mundo com a Guerra Fria.

Esses contextos serão abordados a partir de perspectivas que confrontam esses cenários, com as escolhas pessoais do personagem estudado. Desse modo, este trabalho não se trata de uma biografia preocupada em apresentar uma sequência de fatos pautados em um viés cronológico, mas em problematizar como Dom Helder Câmara defendeu uma perspectiva de desenvolvimentismo articulado com bases num humanismo cristão.

2. Mapeamento dos discursos de Dom Helder Câmara entre os anos de 1964 a 1970

As palestras feitas por Dom Helder Câmara para leigos e/ou religiosos eram meios utilizados por ele para divulgar e conseguir pessoas ou grupos para construir diálogos ou, também, adeptos as suas ideias. Desse modo, nós dedicaremos às próximas páginas a construir um mapeamento dos locais, dos públicos-alvo e das temáticas recorrentes nos textos entre os anos de 1964 a 1970. Relevante destacar que as atividades pastorais e sociopolíticas de Dom Helder não ficavam restritas à escrita e apresentação destes discursos em território nacional ou em outros países. Os trabalhos sociais na Arquidiocese Metropolitana de Olinda e Recife, como o caso das atividades empreendidas nas comunidades mais pobres pela Operação Esperança ou mesmo o trabalho junto aos camponeses no campo, eram frequentemente animados e liderados pelo referido religioso nos anos 1960.

No arquivo do Centro de Documentação Dom Helder Câmara, pertencente ao Instituto Dom Helder Câmara (CEDOHC-IDHeC) – considerando o recorte temporal estabelecido na pesquisa – conseguimos mapear 92 discursos. Notamos uma distribuição de textos que refletiam as alianças e as tensões políticas nacionais e internacionais; as reestruturações da Igreja Católica com o Concílio Ecumênico Vaticano II e Conferências continentais de Mar Del Plata e Medellín (BEOZZO, 1994; BANDEIRA, 2000); as disputas oriundas da Guerra Fria e da bipolarização do mundo. Ao observar os números da tabela anterior, percebemos como as relações amistosas ou conflituosas do Arcebispo de Olinda e Recife, entre 1964 a 1970, interferiram diretamente nas oportunidades de fala dele no país ou fizeram com que ele recebesse mais convites para palestrar em outros países.

Os dois primeiros anos do golpe civil-militar, 1964-1965, coincidiram com o final do Concílio Ecumênico Vaticano II. Naquele momento, o

arcebispo Dom Helder Câmara estava envolvido tanto nas articulações para as aprovações de pontos que ele considerava primordiais para uma adequação da Igreja aos tempos modernos, como também de sua adaptação aos problemas e a administração da Arquidiocese de Olinda e Recife e ao novo cenário político do país com a instauração da ditadura militar. Provavelmente, esses fatores foram alguns dos elementos influenciadores para o baixo número de participação em eventos nesses primeiros anos em Pernambuco.

Mesmo com as tensões entre Dom Helder com representantes do governo civil-militar, entre os anos de 1966 e 1968, nota-se também que esse foi o período de maior atuação desse religioso discursando no país e no exterior. Provavelmente esse aumento no número de participações em eventos esteve ligado ao fim do Concílio, considerando o melhor momento para a divulgação do pensamento da doutrina social da Igreja com o pós-Vaticano II. No decorrer do século XX, a questão do desenvolvimento esteve presente nos trabalhos de vários clérigos católicos, principalmente no pós-Vaticano II e em documentos que serviram de alicerces para uma Igreja alinhada as questões sociais, com destaque para as Encíclicas papais: *Mater et Magistra* (1961), *Pacem in Terris* (1963) de João XXIII; *Populorum Progressio* (1967) de Paulo VI; e a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II (1965).

Nesse contexto, elencamos também as conferências organizadas pelo Conselho Episcopal Latino-America (CELAM), casos de Mar Del Plata (1966) e do Medellín (1968), como eventos que contribuíram para o cenário em que o religioso em questão discursou sobre a opção da Igreja da América Latina pela justiça social e desenvolvimento de cunho socioeconômico do continente. Outro ponto importante e recorrente nos discursos desse recorte temporal era a análise e a divulgação da Encíclica *Populorum Progressio*, tratado por Dom Helder Câmara como sinal de legitimidade do Papa Paulo VI ao trabalho em prol da diminuição das distâncias entre as nações ricas e pobres.

No ano de 1969, como exposto na tabela anterior, encontra-se uma queda no número de participação de Dom Helder em eventos no Brasil, onde foi paraninfo apenas numa turma da Escola de Engenharia Industrial da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), apresentando na ocasião o texto intitulado: *Desafio que honra uma geração*. Nessa fala, tratou o arcebispo sobre a importância dos técnicos e do conhecimento especializado como base para o desenvolvimento das nações. Na ocasião, Dom Helder utilizou como base argumentativa o pensamento do Padre Louis-Joseph

Lebret que defendia uma humanização dos procedimentos técnicos a partir da presença da Igreja (CÂMARA, 1969b).

Interessante destacar aqui, antes de continuarmos com a análise da atuação de Dom Helder Câmara, que essa leitura feita pelo Arcebispo brasileiro em relação ao Padre Lebret, contrastava com o que a pesquisadora Michelly R. de Ângelo argumentou em sua obra. No caso, enquanto Dom Câmara interpretava o trabalho e obra desse padre francês como uma inspiração para seus discursos de trabalhos cooperativos entre técnicos, governo e Igreja, no caso da abordagem da autora citada anteriormente, o Padre Lebret teve sempre muito cuidado em deixar um perfil ou discursos de cunho religiosos à parte do trabalho técnico empreendido pelo *Institut de Rechercher et de Formation en vue de Développement Harmonisé* (IRFED). Segundo Ângelo, essa prudência era uma estratégia do referido sacerdote que almejava reconhecimento científico e, também, tinha receio de que um discurso religioso atravessando o trabalho científico ou técnico acabasse impedindo uma legitimidade acadêmica e até mesmo interferisse no engajamento de interessados entre os leigos aptos ao trabalho de estudos (ÂNGELO, 2013, p.218-219).

Enquanto no exterior, nesse mesmo ano de 1969, Dom Helder Câmara viajou para os Estados Unidos, Inglaterra e Chile. Essas palestras foram feitas entre os meses de janeiro e abril do corrente ano, não participando o referido religioso de mais de nenhum evento nos meses subsequentes. Respeitando assim a indicação da Cúria Romana de que ele se restringisse a falar fora da Arquidiocese Metropolitana de Olinda e Recife durante as férias. Relevante destacar também que os convites para tais eventos foram feitos no ano anterior, momento que antecedeu ao acirramento do controle do governo civil-militar no Brasil com o Ato Institucional nº 5.

Indicamos dois pontos que consideramos relevantes para justificar ou entender a diminuição de convites feitos a Dom Câmara para participar de solenidades no país a partir de 1969. O primeiro fator que sinalizamos em nossa argumentação foi o da maior estruturação e aplicação de táticas de repressão advindas com a implantação do AI-5. Considerando que nesse cenário, o Arcebispo em questão era classificado como subversivo e por esse motivo era mantido sob vigilância, sendo muitos de seus interlocutores perseguidos, torturados e mortos. O segundo ponto elencado foi que a própria Igreja Católica aplicou limitações à liberdade de se pronunciar de Dom Helder Câmara em âmbito internacional, com o argumento de que suas

falas em prol da justiça social criavam tumultos ou situações delicadas para a Igreja enquanto instituição.

Na carta circular nº 517, escrita na madrugada de 13 para 14 de maio de 1969, Dom Helder Câmara registrou o controle da Igreja sobre as suas atividades.¹ Na ocasião, ele expôs uma recomendação vinda de Roma, em que a Cúria procurava limitar sua autonomia nas falas públicas. Sobre essa situação, destacamos os seguintes trechos:

Falando abertamente como falo, é fácil imaginar a confusão que se arma nos lugares por onde passo. Os jornais, as revistas, as agências telegráficas comentam como podem e como querem. É natural, é compreensível que Autoridades locais entrem em pânico e enviem documentação à Santa Sé. Acabou surgindo em Roma a impressão de que as viagens mais tumultuam do que fazem bem. E veio uma recomendação – que para mim é ordem – de só viajar quando a Autoridade local ou o Núncio aprovar os textos das Conferências e das declarações à Imprensa... (CÂMARA, 2013c, p. 186).

Logo depois, na mesma carta, escreveu Dom Câmara:

Mostrar, antes, os textos é limitar as idas a Dioceses já sintonizadas. E como a pregação que me coube anunciar é a do desenvolvimento integral do homem e desenvolvimento solidário da humanidade - e isso parece humanização e não evangelização, parece política, suscita polêmicas, fere interesses – restringe-se muitíssimo o circuito das missões. (CÂMARA, 2013c, p. 187)

Como registrou Dom Helder Câmara, entregar seus textos para uma aprovação prévia da autoridade religiosa local acabava limitando sua atuação em regiões que já comungavam de suas ideias. Outro comunicado, agora no mês de junho do mesmo ano, veio por meio de uma epístola de Dom Giovanni Benelli, representando a Secretaria de Estado. Nessa carta, Dom

¹ As cartas circulares tinham como interlocutores, em grande parte, as mulheres e que trabalharam com Dom Helder no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1930 a 1960, e, posteriormente, juntaram-se a eles os fiéis leigos que atuaram ao lado desse Arcebispo em Pernambuco. Em alguns momentos, encontram-se nas cartas o pedido para que as missivas fossem transmitidas a religiosos, técnicos e intelectuais que originalmente não compunham ao grupo nomeado inicialmente de Família São Joaquim e, depois de 1964, de Família Mecejaneense. Essas cartas possuem características que as aproximam de um diário, em que Dom Helder abordava assuntos tratados em reuniões, meditações, atividades do dia, debates sobre os textos que ele estava lendo e escrevendo para eventos e, em certos momentos, os seus próprios discursos eram enviados como circulares.

Benelli dizia que compreendia as boas intenções de Dom Câmara, porém, destacava também que suas falas causavam desconfortos em alguns indivíduos e/ou grupos ligados à Igreja (CÂMARA, 2014, p. 190).

Outra limitação das atividades de Dom Helder, como abordou os autores Pilleti e Praxedes, ocorreu no ano seguinte, 1970, quando passava por Roma para ter uma audiência com o Papa Paulo VI, depois de o arcebispo brasileiro ter participado de conferências no Canadá, Estados Unidos e Suíça. Posteriormente a esse encontro, ficou combinado que durante um período máximo de dois meses, correspondente às férias, ele poderia viajar para quatro países para dar conferências. Continuando, nessa ocasião, com a prática de submeter seus textos às autoridades eclesíásticas dos locais onde se apresentaria. Além disso, considerando o cenário brasileiro marcado em algumas regiões pela miséria, caso do Nordeste, o Papa permitiu que Dom Helder começasse uma campanha de âmbito mundial em torno do movimento Ação, Justiça e Paz (PILETTI; PRAXEDES. 2008, p. 316-317).

O contexto de controle político e policial do pós-AI-5 fez com que Dom Helder Câmara não participasse de nenhum evento no país. Em contrapartida, no ano de 1970, o Arcebispo de Olinda e Recife realizou 17 discursos em eventos no exterior. Destacando que os convites e aceites para as palestras foram feitos com antecedência no ano anterior à conversa com o Papa Paulo VI, citada anteriormente. O ano de 1970 representou um momento de guinada dos interesses do Arcebispo Dom Câmara para questões relacionadas aos direitos humanos, tema que ganhou progressivamente mais espaço em seus textos. Com relação a essa mudança, consideramos como um marco a palestra desse religioso que recebeu o título: *Quaisquer que sejam as consequências*, pronunciada em março do corrente ano em Paris, França (CÂMARA, 1970. *Apud*, CIRANO, 1983, p. 73-79). Nessa ocasião, Dom Helder falou abertamente das práticas de torturas em presos políticos no Brasil, ato que gerou revoltas, acusações, calúnias e perseguições do governo militar brasileiro e dos aliados contra o Arcebispo Dom Câmara.

Importante retomar também ao fato que a partir de Medellín, em 1968, surgiu em meio à Igreja Católica uma nova concepção teológica, batizada de Teologia da Libertação, e que, progressivamente, tomou o espaço dos discursos de cunho desenvolvimentista, comum a alguns religiosos e leigos da época (LÖWY, 2016; MAINWARING, 1989. p. 133). Lembrando que em vários momentos, Dom Helder tratou desses discursos relacionados ao desenvolvimento ao que ele chamou de uma Teologia do desenvolvimento ou

desenvolvimentista, mas sobre o qual não encontramos, em nossa pesquisa, textos que sistematizasse essa concepção teológica.² Contudo, acreditamos que o religioso em questão compreendia a própria atuação e produção de textos como uma vivência dessa concepção teológica.

O que se percebe, na análise dos discursos apresentados em 1970 e dos anos seguintes é que o termo desenvolvimento e subdesenvolvimento continuaram presentes nos textos de Dom Helder, mas apenas para caracterizar os cenários sociais e econômicos que distinguiam países ricos e pobres. Ficando em segundo plano, cada vez mais, a tentativa de elaboração de projetos de intervenção ou articulação da doutrina social da Igreja junto a projetos desenvolvimentistas no campo social e econômico.

Enfim, o objetivo desse tópico foi construir uma visão panorâmica das atividades relacionadas às palestras ministradas por Dom Helder Câmara, então arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife. No próximo momento, analisaremos como esse clérigo procurou articular em seus escritos os temas do humanismo, comunismo e desenvolvimento socioeconômico com a doutrina social da Igreja.

3. Dom Helder Câmara e as críticas ao anticomunismo na década de 1960

Os discursos e as cartas circulares de Dom Helder Câmara, no decorrer da década de 1960, trataram em grande parte das questões relacionadas ao comunismo e as maneiras que essa concepção poderia ser articulada ou não com o termo de humanismo cristão, que serviria de base para os seus projetos de cunho desenvolvimentista. Esses textos, principalmente os discursos destinados às conferências, foram apresentados e discutidos por Dom Câmara em várias partes do Brasil e em outros países, construindo e consolidando alianças, conquistando simpatizantes, adeptos e, também, opositores.

² Os momentos nos discursos em que apareceu Teologia Do Desenvolvimento foram respectivamente: CÂMARA, Helder. 1965b. p. 2; 1966a. p. 5; 1966f. p. 4; 1967a. p. 5; 1967j. p. 2; 1967n. p. 2; 1968b. p. 3-4. Além disso, o termo também apareceu nas seguintes cartas circulares: CÂMARA. 35ª Circular, Roma, 11/22 de outubro de 1964. *Apud.*, CÂMARA, 2009a, p. 136; 69ª Circular, Roma, 17/18 de novembro de 1965. *Apud.*, CÂMARA, 2009b. p. 257-258; 203ª Circular, Recife, 10/11 de março de 1967. *Apud.*, CÂMARA, 2011b. p. 85; 228ª Circular, Recife, 16 de abril de 1967. *Apud.*, CÂMARA, 2011b. p. 190; 352ª Circular, 26/27 de janeiro de 1968. *Apud.*; CÂMARA, 2013a. p. 326.; O termo Teologia do desenvolvimento também apareceu também nas entrevistas de Dom Helder a periódicos. Cf.: JORNAL DO BRASIL, 21. 06. 1967, p.14; JORNAL DO BRASIL, 20. 07. 1968, p. 7.

Ao mesmo tempo em que se destacava como um defensor da justiça social, adotando como base de suas propostas um desenvolvimento orientado por uma doutrina social da Igreja, os pronunciamentos do arcebispo Dom Câmara geravam também reações negativas de alguns grupos e/ou indivíduos, sendo eles católicos ou não. Aqueles que se colocavam como opositores do referido religioso, em muitos momentos, apropriavam-se e reformulavam-se os sentidos dos discursos dele a sobre o desenvolvimento para acusá-lo de comunista ou facilitador da presença do pensamento marxista no país ou dentro da Igreja Católica.

As constantes acusações relativas às atividades de Dom Helder, tidas como subversivas, eram também frequentemente rebatidas por ele, que sempre negou qualquer vinculação com regimes, partidos políticos ou ideológicas tidas como comunistas ou socialistas. No livro *The Conversions of a Bishop*, Dom Helder refletiu sobre as denúncias de ele ser classificado como socialista/comunista como um expediente comum da época, em que todos aqueles que se opunham ao *status quo* ou estivessem envolvidos em trabalhos de cunhos sociais eram percebidos como subversivos ou de alguma denominação política de esquerda. (CÂMARA; BROUCKER, 1979, p. 186).

O posicionamento de Dom Helder sobre o comunismo assumiu, no passar dos anos, sentidos distintos, adaptando-se às circunstâncias e aos públicos que se tornavam seus interlocutores. Desde a década de 1950, que esse clérigo compreendia no comunismo uma ameaça secundária, defendendo a percepção de que as diferenças econômicas e sociais entre nações ricas e pobres deveriam ser o foco de interesse e discussão da Igreja Católica. Porém, a bandeira anticomunista nunca foi totalmente abandonada por esse religioso.

Em vários momentos o termo comunismo foi abordado nos textos de Dom Helder Câmara como parâmetro para discutir a construção do medo e do ódio em torno da esquerda, sendo essa uma prática tida por ele como ineficaz por não impedir de fato a circulação das ideias socialistas/comunistas (CÂMARA, 1964. p. 5; 1965b. p. 3; 1966c. p. 5 e 9; 1966d. p. 3-4; 1967j. p. 2; 1967m. p. 7; 1967s. p. 5; 1968c. p. 2; 1970c. p. 3-4; 1970d. p. 3; 1970e. p. 1-2; 1970f. p. 2-3). Considerava Dom Helder, no decorrer da década de 1960, que o problema da injustiça social e do distanciamento na qualidade de vida entre as nações ricas e pobres eram de fato os problemas mais imediatos e reais. Em 1970, ao ser convidado para falar em uma conferência em Bruxelas, Bélgica, ao tratar das divisões e tensões políticas e econômicas em âmbito mundial, novamente o arcebispo Dom Câmara alertou: “A divisão, a

verdadeira divisão, em nossos dias não é entre capitalismo e socialismo, entre este e oeste, mas entre os hemisférios norte e o hemisfério sul.” (CÂMARA, 1970e. p. 2).

Em outra circunstância, voltando um pouco no tempo, agora ao ser convidado pelo jornal *Folha de São Paulo*, em 1967, para falar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) sobre a Encíclica *Populorum Progressio*, do Papa Paulo VI, o arcebispo Dom Helder Câmara apresentou o texto: *Imposições da solidariedade universal*. A abordagem escolhida por ele foi de tanto valorizar as preocupações e contribuições da Igreja no que concernia à questão do desenvolvimento para as nações pobres do mundo, como também de tratar as práticas anticomunistas como atos limitados e simplistas, que pouco ou nenhum resultado produziam. (CÂMARA, 1967m).

Nessa ocasião, o arcebispo expôs também uma visão geopolítica pautada no anticomunismo, tão comum no mundo ocidental da época:

- o anti-comunismo é pregado como a Cruzada dos nossos tempos;
- a URSS é tida e havida como inimiga nº1 da liberdade, da democracia, da civilização cristã; inimiga de Deus, da Pátria e da Família. O russo tomou, na imaginação de muitos, o lugar de desprezo e de horror que cabia outrora ao judeu, como povo deicida... Ultimamente, a URSS virou para alguns, inimigo nº2, dado que a China Vermelha ultrapassa a Rússia em ânsia de dominação e destruição...
- como contra-partida da URSS e da China, surgem os USA, paladino da civilização cristã, da democracia e da liberdade. Muitos o têm como o novo Povo eleito, depois que, por duas vezes, salvou o Mundo. Muitos o vêem como restaurador da economia européia de após 2ª Guerra Mundial propulsor do desenvolvimento em todo o Terceiro Mundo. Muitos reconhecem-lhe, agradecidos, o direito e o dever de interferir em qualquer País que se ache em risco de tornar-se comunista: consideram justas e salvadoras, medidas econômicas e até militares, desde que se trate de barrar a expansão comunista. Muitos aceitam qualquer tipo de guerra adotado pelos norte-americanos e encontram meios de, em consciência, entender e aceitar as escalas e até, se inevitável, alguma nova Hiroshima e Nagasaki. (CÂMARA, 1967m, p.3).

Nessa citação, Dom Câmara traçou uma crítica à perspectiva anticomunista que limitava e simplificava a interpretação do cenário político mundial a uma atuação planejada de forças ideológicas da esquerda que supostamente ameaçava os pilares do mundo ocidental e cristão. Esses inimigos eram representados na figura dos regimes políticos vigentes na União

das Repúblicas Socialistas Soviética (URSS) e na China. A arena política era então, caracterizada pelo religioso em questão, como um cenário de guerra, uma cruzada santa entre cristãos ocidentais *versus* socialistas ateus.

Interessante como nessa abordagem o arcebispo Dom Câmara se utilizou de fatos históricos para legitimar sua compreensão sobre as práticas anticomunistas e a legitimidade que ela acabava recebendo de vários grupos sociais, políticos e religiosos. Nesse sentido, utilizando-se de certos sarcasmos, Dom Helder denunciava o maniqueísmo da perspectiva anticomunista, que em “contra-partida da URSS e da China, surgem os USA, paladino da civilização cristã, da democracia e da liberdade. Muitos o têm como o novo Povo eleito, depois que, por duas vezes, salvou o Mundo.” (CÂMARA, 1967m, p. 3). Desconsiderando, no caso, os vários elementos de exploração advindo das relações comerciais do mundo capitalista. Em vários momentos, ele aproveitou seus pronunciamentos públicos para denunciar não apenas as ameaças ou condições subumanas do regime socialista, mas também para sinalizar suas críticas ao capitalismo e às relações de bases desiguais e/ou de opressão proporcionadas pelo liberalismo econômico. (CÂMARA, 1965c. p. 5 e 7; 1967m. p. 3; 1968c. p. 2; 1968d. p. 3-4; 1968f. p. 3; 1968g. p. 4; 1969a. p. 3; 1970b. p. 3; 1970c. p. 5; 1970e. p. 2-3; 1970f, p. 3)

Nesse mesmo discurso – pronunciado durante o evento organizado pela *Folha de São Paulo* nas dependências da PUC-SP – Dom Helder aproveitou para abordar as críticas feitas à nova Encíclica Papal, considerada por muitos como um escrito de caráter subversivo. Como exemplo, destacamos a reportagem do *Jornal do Commercio* de 04 de agosto de 1968, quando policiais invadiram um sindicato rural no município de Escada, Pernambuco, e recolheram alguns exemplares da *Populorum Progressio* como prova de material subversivo (JORNAL DO COMMERCIO. 04.08.1967. *Apud*, ABREU E LIMA, 2003, p. 141). Esse relato sinaliza como esse documento que se tornava base para a doutrina social da Igreja estava sendo entendida pelos agentes do regime militar no país.

Na ocasião da palestra em São Paulo, argumentou o religioso em questão que a prática anticomunista limitava a realidade a um dualismo simplista e pautava-se na disseminação de concepções pré-concebidas sem maiores preocupações com os fatos, impossibilitando assim que muitos entendessem os objetivos da doutrina social da Igreja e acabassem confundindo-as com propaganda comunista. Nesse texto da PUC-SP, como em pronunciamentos realizados no decorrer do recorte temporal estabelecido nessa pesquisa,

observamos um esforço na escrita dele em desvincular a sua atuação em prol do desenvolvimento de associações com a ideologia comunista.

Contudo, a associação de sua imagem ao comunista/socialista foi uma das principais estratégias de seus opositores. Relevante destacar que essa prática de criação de boatos ou denúncias anticomunistas não era utilizada apenas contra o arcebispo em questão, mas contra todos aqueles que não coadunavam com o *status quo*, não precisando ser eles vinculados ou não a alguma agremiação política.

No percurso da década de 1960, sob a organização do CELAM, duas conferências tiveram grande impacto na Igreja Católica da América do Sul, no caso de Mar Del Plata, Argentina, em 1966, e Medellín, Colômbia, em 1968. Esses eventos, aparecem na escrita de Dom Helder Câmara como momentos de animação e de sentimento de legitimação no trabalho do clero que defendia uma justiça social com bases no desenvolvimentismo dos países e regiões mais pobres do continente. Relevante destacar que esse é um momento que antecede a Teologia da Libertação.

Nesse cenário de encontros entre eclesiásticos tanto em âmbito mundial como continental, daremos uma prioridade ao conteúdo da Encíclica *Populorum Progressio*, do Papa Paulo VI, e como Dom Helder Câmara incorporou esse texto aos seus argumentos. Esse texto possibilitou ao religioso brasileiro as ferramentas necessárias para discutir, aprofundar e legitimar suas práticas pastorais de cunho social (CÂMARA, Helder. 1967j; 1967k; 1967l; 1967m; 1967n; 1967o; 1968c; 1968d; 1970a; 1970c; 1970f). Depois de sua publicação, em 1967, esse texto foi tanto tema de escritos do arcebispo de Olinda e Recife, como esteve presente, direta ou indiretamente, nos argumentos de vários religiosos católicos em relação ao desenvolvimentismo e do papel da Igreja nesse cenário. Entender o momento e sentidos de projetos desenvolvimentistas presente neste documento papal é relevante para entender a produção intelectual e de ação político-social-pastoral de Dom Helder Câmara.

4. A Encíclica *Populorum Progressio*, do Papa Paulo VI, nos escritos de Dom Helder Câmara

Com o objetivo inicial, a referida Encíclica, contribuiu com uma visão cristã da atuação da Igreja em um empreendimento favorável ao desenvolvimento dos povos, enfrentando os problemas sociais oriundos das misérias financeiras, da fome, das doenças, da ignorância e de outros

fatores que atingiam diretamente à vida cotidiana dos mais desfavorecidos economicamente. Nesse caso, o texto do Papa Paulo VI procurava construir para a Igreja o seguinte lugar de atuação:

Depois do Concílio Ecumênico Vaticano II, uma renovada conscientização das exigências da mensagem evangélicas traz à Igreja a obrigação de se pôr ao serviço dos homens, para os ajudar a aprofundar todas as dimensões de tão grave problema e para os convencer da urgência de uma ação solidária neste virar de decisivo da história da humanidade. (PAULO VI. 1967, p.1)

Além de retomar o Concílio Ecumênico Vaticano II, a Encíclica também destacava textos dos papas que o antecederam, no caso: *Rerum Novarum*, 1892, de Leão XIII; *Quadragesimo Anno*, 1931, de Pio XI; *Mater et Magistra* e *Pacem in Terris*, 1961 e 1963, de João XXIII; além das mensagens de Pio XII, esses escritos que já trataram sobre as questões sociais a partir da perspectiva cristã. Ocupando, a Encíclica de Paulo VI, um lugar basilar na doutrina social da Igreja.

Ao mesmo tempo em que o Papa Paulo VI tratou no decorrer da Encíclica o tema do desenvolvimento, observa-se também a tentativa de confecção de um diálogo entre um mundo tido como tradicional com um mundo chamado de novo ou moderno. A Igreja Católica, compreendendo a necessidade de reafirmar seu lugar e o papel numa realidade cada vez mais pautada nos avanços tecnológicos, encontrava no humanismo cristão um mediador para adequar essa instituição religiosa às mudanças do mundo moderno. Nesse momento, pós-Vaticano II e com a *Populorum Progressio*, o humanismo cristão tido como integral englobava não só o homem e suas necessidades físicas, mas tratava de forma intrínseca às questões materiais e espirituais do ser humano.

Nesse caso, notamos a presença do pensamento do intelectual Jacques Maritain e da compreensão do homem integral nessa Encíclica, sendo seus textos apresentados na bibliografia como base para a argumentação desse documento papal. A primeira parte da *Populorum Progressio* recebeu o título: *Para o desenvolvimento integral do homem*, indicando assim a influência do filósofo francês citado anteriormente. Além de essa Encíclica indicar em sua bibliografia referência à obra de Maritain. Desse modo, defender um pensamento humanista e de colaboração fraterna em torno da bandeira do desenvolvimento, tinha como objetivo “... promover um humanismo total” (PAULO VI. 1967, p. 12), compreendido a partir do homem e suas necessidades físicas e espirituais.

Recorrendo a uma das obras citadas nesse escrito papal, no caso o livro *Humanismo Integral*, de J. Maritain encontramos a seguinte observação: “Ao contrário, é capaz o humanismo cristão, o humanismo integral, de tudo incorporar, porque sabe que Deus não tem contrário e que tudo é irresistivelmente arrastado pelo movimento do governo divino.” (MARITAIN, 1962, p. 73). Esse posicionamento de Maritain estava alicerçado em suas interpretações de São Tomás de Aquino na *Suma Teologia*, mantendo esse filósofo e Santo Católico como base num posicionamento de cunho social que deveria se opor a pensamentos tidos de esquerda. Nesse caso, para Maritain, a visão de um humanismo cristão e integral opunha-se a uma suposta perspectiva limitada do socialismo ou marxismo que se preocupava apenas com o viés humano e econômico da vida.

Sobre desenvolvimento integral, é interessante também observar como Dom Helder Câmara procurou colocar o conceito em prática, como exposto no texto lido na conclusão de curso de uma turma da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe-Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (CEPAL-BNDE)-Agentes Financeiros. Esses formandos concluíram o curso intitulado: *Curso de Projetos de Desenvolvimento Econômico*, em Aracaju – Sergipe. Com o intuito de tratar com os técnicos no campo da economia, destacou o religioso em questão, do papel da Igreja para projetos de cunho desenvolvimentistas e, na ocasião, ressaltou a Encíclica lançada pelo Papa Paulo VI, em 1967, destacando:

Tanto ao falar sobre o desenvolvimento integral do homem, como ao tocar considerações sobre o desenvolvimento solidário da humanidade, Paulo VI trouxe, aos que se batem pelo desenvolvimento, a ajuda mais preciosa que poderia sonhar.

Se é verdade que o vosso Curso é de projetos de desenvolvimento econômico, certamente, inclusive por motivos econômicos, compreendeis e aprovais que o Papa tenha imprimido consagração definitiva à fórmula: “desenvolvimento do homem todo e de todos os homens”, e tenha lançado slogans preciosos como “realizar mais, conhecer mais e ter mais, para ser mais.”

Já pensastes no que representará para os técnicos em desenvolvimento ver a Igreja assumir, em definitivo, uma posição que seja negação total da religião-ópio para o Povo, posição de quem, longe de pregar alienação, imita o Cristo e, sem esquecer a transcendência da fé, se incarna no espaço e no tempo, assume os problemas humanos, trocando de vez atitudes paternalistas pela luta sagrada da promoção humana!?!...

Já pensastes no que representará para os técnicos em desenvolvimento encontrar a Igreja, nas áreas subdesenvolvidas, ajudando as Massas a tornarem-se Povo... (CÂMARA, 1967j. p. 1-2).

Nessa citação, o arcebispo Câmara retomando o texto do *Populorum Progressio*, destacou como o Papa Paulo VI propôs um desenvolvimento integral, partindo de elementos pautados na solidariedade e preocupações com os mais pobres. Nesse processo, encontra-se, na escrita de Dom Helder, a necessidade de diálogo e alianças entre a Igreja e os técnicos (CÂMARA, 1966e). A Igreja Católica, como se encontra na bibliografia do tema, encontrou nos intelectuais – progressistas ou conservadores – aqueles que refletiam sobre o mundo a partir das concepções cristãs, servindo como interlocutores no serviço pastoral e teológico dessa instituição religiosa. No decorrer da década de 1960, observa-se na escrita do clérigo em questão um esforço para estabelecer novos diálogos, agora com aqueles que detinham um saber técnico e que poderia ser utilizado no processo de desenvolvimento do terceiro mundo.

Entendemos essa categoria de técnico enquanto aqueles que dominam certas áreas de um saber específico, um conhecimento científico, sistemático e objetivo. Esses profissionais poderiam ser economistas, agrônomos, engenheiros, médicos e, dentre outros, cada um possuindo um saber particular. No contexto histórico estudado, esses técnicos interessavam à Igreja que procurava se adequar ao novo mundo, o mundo que parecia se encontrar num intenso e irreversível processo de desenvolvimento tecnológico e científico.

Com relação à presença de técnicos junto aos trabalhos de cunho desenvolvimentista da Igreja, destacamos o livro *Louis-Joseph Lebret e a SAGMACS*, de Michelly Ramos de Angelo quando o mesmo tratou do trabalho do Padre Lebret junto à *Sociedade para Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais* (SAGMACS), no Brasil, e ao *Institut de Recherche et de Formation en vue de Développement Harmonisé* (IRFED), na França, para o no processo de formação de sujeitos históricos capazes de se tornarem *développeur*. O *développeur* para o Pe. Lebret era o indivíduo com formação técnica que atuaria junto a esferas políticas no intuito de proporcionar, de forma cooperativa, o desenvolvimento social e econômico.

A palavra cooperar tinha uma função relevante nesse processo, tendo em vista que o sacerdote em questão tinha o receio de que o desenvolvimento se tornasse um fenômeno dependente de uma classe privilegiada de técnicos e, assim, acabaria excluindo outras esferas sociais desse processo (ÂNGELO,

2013). Consideramos relevante destacar essa compreensão do Padre Lebret para entender melhor a influência desse sacerdote sobre Dom Helder Câmara, que mesmo não problematizando a função do técnico, considerava esses sujeitos possuidores de um dado conhecimento científico como uma das partes primordiais para o desenvolvimento integral e inclusivo do mundo (LEBRET, 1964, p. 271-273).

Sobre o papel do clero junto aos técnicos, falou Dom Helder, durante a aula inaugural do Instituto de Teologia do Recife, sobre a necessidade de criar condições de cooperação, aproveitando a ocasião para saudar o trabalho dos *développeur* inspirados pelo Padre Lebret. Na ocasião, apresentando aos seminaristas e padres presentes o texto: *Inauguração que vale um símbolo*, o Arcebispo Metropolitano de Olinda e Recife discursou:

Sabemos que, a nós Bispos, nos cabe, em assunto temporais, a reflexão teológica que ilumine a ação dos leigos que têm, aí, missão específica e insubstituível. Sabemos que a nós nos cabe estimular os técnicos, cuja vocação e competência devemos respeitar (E como não saudar aqui os *développeurs*, cuja tarefa, no que tem de nobreza e responsabilidade, é analisada pelo Mestre em desenvolvimento que é o Pe. Lebret...) (CÂMARA, 1965a, p. 2).

Com esse posicionamento, no decorrer dos anos 1960, o referido religioso participou como paraninfo de quatro turmas de formandos da CEPAL, indicando assim a proximidade dele com os técnicos dedicados a discutir projetos de desenvolvimento socioeconômicos (CÂMARA, 1966b; 1967j; 1967p; 1967q). Além disso, em outros momentos nas circulares, ele entrou em contato ou fez menções para apoiar seus argumentos na CEPAL ou em figuras importantes dessa organização, como: Raul Prebisch, Torres Garrido, Antônio Bezerra Balthar e outros economistas, sociólogos e cientistas políticos (CÂMARA, 2009c; 2011a; 2013a; 2013b).

A compreensão do desenvolvimento integral, apresentado na *Populorum Progressio*, serviu como legitimador para endossar a ideia de uma Teologia do Desenvolvimento defendida por Dom Helder em cartas e discursos. Em 1964, durante o Concílio Ecumênico Vaticano II, na circular nº 35º, encontramos a primeira referência de Dom Helder à Teologia do Desenvolvimento (CÂMARA, 2009a). Esse termo apareceu outras vezes, mas sempre tratado de forma vaga e como se apenas a sua nomenclatura fosse suficiente para defini-la. Mesmo mapeando os momentos em que citou a Teologia do Desenvolvimento, não foi apresentado aos leitores das circulares uma

sistematização do pensamento, apenas possíveis diálogos com a doutrina social da Igreja, sociologia da religião e humanismo cristão pós-Vaticano II. Lembremos que Dom Helder Câmara não era um teólogo e, talvez, esse tenha sido o motivo para que ele não tenha tentado estruturar essa compreensão teológica em seus escritos.

Antes mesmo da publicação da *Populorum Progressio*, em março de 1967, especificamente um mês antes de seu lançamento, Dom Helder Câmara estava viajando pelos Estados Unidos fazendo conferências em algumas instituições protestantes de ensino superior, no caso, a Universidades de Cornell e a de Princeton, e também na Igreja Episcopal de Washington. Apresentando, nessa ocasião, um total de sete textos. Essa viagem foi de grande relevância para a imagem internacional de Dom Helder Câmara, que ganhava maior amplitude no que concernia aos debates sobre o terceiro mundo e a necessidade de que os países desenvolvidos estivessem imbuídos de um espírito humanista de bases cristãs (CÂMARA, 1967b; 1967c; 1967e; 1967f; 1967g; 1967h; 1967i).³

Na Igreja Episcopal de Washington, Dom Helder apresentou o texto intitulado: *Relações ecumênicas: problemas antigos, novas possibilidades*, que tratou da importância do diálogo ecumênico entre católicos e protestantes para com projetos destinados a um desenvolvimento econômico e social de bases cristãs. Esse texto foi uma tentativa de articular em sua fala o trabalho conjunto entre grupos religiosos distintos em benefício de uma perspectiva humana e cristã de desenvolvimento. Dessa forma, Dom Helder procurou então refletir sobre o que poderia viabilizar uma teologia do desenvolvimento, estabelecendo na ocasião: “Como grandes linhas de uma teologia do desenvolvimento, apontaram uma teologia da Criação, uma antropologia cristã e uma ética do desenvolvimento. São pistas válidas para ajudar a ver claro e firme.” (CÂMARA, 1967d, p. 2).

Posteriormente, retomando o discurso pronunciado por Dom Helder Câmara para a turma de formando da CEPAL-BNDE, também em 1967, quando apresentou o texto: *Encíclica a responder com atos*, observamos novamente o religioso abordando o tema de uma teologia do desenvolvimento. Na ocasião, enquanto falava de um desenvolvimento integral – pautado na *Populorum Progressio*, que, por sua vez, tinha bases nas reflexões de J. Maritain – o arcebispo Câmara falou:

³ Sobre a repercussão desses discursos, indicamos os artigos: JORNAL DO BRASIL, 09.02.1967; JORNAL DO BRASIL, 26. 03.1967. p. 5.

Já pensastes no que representará para os técnicos em desenvolvimento sentir os efeitos de uma teologia do desenvolvimento que leve a entender que não temos o direito de jogar comodamente sobre Deus a responsabilidade de tudo e conduza à coragem de enfrentar as intempéries da Natureza e de sobretudo responder plenamente pelos problemas sociais!?... (CÂMARA, 1967j. p. 2).

Com um público de formandos em economia, Dom Helder novamente reafirmava a importância de um trabalho conjunto, confeccionando uma rede de atores históricos e políticos em prol de projetos com aspectos e direcionamentos desenvolvimentistas. Nesse trecho do discurso de Dom Câmara, citado anteriormente, encontra-se a percepção de que o homem era agente de sua própria história, um coautor do mundo e não apenas um ser que estava sob uma predestinação divina das coisas. Como veremos mais à frente, esse mesmo argumento foi utilizado por ele na tentativa de construir uma rede de trabalho conjunto entre perspectivas de humanismos distintos, no caso, do humanismo de matriz cristã com outras correntes classificadas como ateias.

O diálogo com técnicos e a elaboração de um humanismo cristão, em que o homem era tratado como coautor de Deus na criação do mundo, possibilitava a interpretação de Dom Helder uma forma mais complexa e que deveria enfrentar expressões religiosas de cunho popular, tidas como baseadas em mitos distantes de uma fé consciente e em diálogo com a ciência. Para esse religioso, com o Vaticano II, a concepção divina feita de maneira popular, estava associada à bondade ou às provações de Deus em relação a todos os males e/ou bênçãos que recaiam sobre eles. Para Dom Helder Câmara, apenas um posicionamento racional, pautado num humanismo cristão, seria o caminho para dar condições de conscientização dos mais pobres e proporcionar as condições necessárias para o processo de desenvolvimento socioeconômico (CÂMARA, 1966e, p. 4).

A Encíclica *Populorum Progressio*, de Paulo VI, teve grande influência na concepção de desenvolvimento de Dom Helder nos anos posteriores a 1967, como no caso das alianças que deveriam ser construídas a partir da compreensão de um homem integral que envolvia tanto necessidades e questões humanas quanto do fator espiritual. Nesse campo de atuação, começamos a encontrar nos textos desse arcebispo várias tentativas de articular o humanismo cristão com correntes classificadas como ateias, como,

por exemplo, o humanismo de bases marxistas.⁴ Nesse sentido, Dom Helder Câmara procurou, no decorrer da década de 1960, abordar as possibilidades de aproximação entre concepções de humanismos distintas a favor da ideia de um desenvolvimento social e financeiro marcado por uma defesa da equidade de benefícios para todos os grupos sociais.

5. Dom Helder Câmara e o desenvolvimentismo a partir do humanismo cristão

O empenho em construir interlocuções com grupos de não cristãos, agnósticos e ateus, principalmente marxista, fez com que Dom Helder Câmara procurasse no ambiente acadêmico os espaços para a elaboração de redes de diálogos e legitimação. Importa ressaltarmos que compreendemos o termo espaço, a partir da discussão travada por Michel de Certeau que discutiu que, diferente do local geográfico, o espaço é formado por meio de complexas redes de relações entre grupos e/ou indivíduos e o lugar histórico e geográfico específico. Dando assim ao *espaço* um caráter de mudança, movimentação e transitoriedade. Mas, para o autor, lugar e espaço são indissociáveis, pois “[...] *o espaço é um lugar praticado*. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (CERTEAU, 2009, p. 184). Retomando a atuação do religioso católico estudado aqui, os discursos dele na década de 1960, encontrou, no *campus* universitário, espaços recorrentes para a divulgação e debates de suas ideias.

Como exemplo disso, destacamos o discurso intitulado: *Universidade, Cristianismo e Marxismo*, apresentado em dezembro de 1966 na formatura de uma turma da Escola de Ciências Sociais, localizada no município pernambucano de Caruaru. Nessa ocasião, defendeu Dom Helder Câmara a possibilidade de diálogo entre o cristianismo e marxismo, dividindo o texto em alguns tópicos, dentre os quais destacamos um intitulado: *Sedução Marxista*, onde falou:

Até aqui, a juventude universitária nos acompanha. Mesmo quando, por vezes, aos adultos parecem excessivas e radicais certas colocações, os jovens entendem, aplaudem e se algo reclamam é a coerência de passar à ação.

⁴ Para Maritain que via no humanismo socialista uma possibilidade de diálogo, enquanto o humanismo marxista era tido por ele como ortodoxo e com os quais era impossível dialogar. Dom Helder não entra nessa discussão, tratando classificações como socialistas, comunistas e marxistas como sinônimos e, nesse caso, sem apresentar preocupações em defini-los e/ou distingui-los. Cf.: MARITAIN, 1962, p. 70.

Nesta altura, precisamente, há quem desespere da Igreja, julgando que ela fica em teoria, sem fibra para chegar a vias de fato e sem técnica para de modo claro, coerente e firme, colocar suas exigências. E muitos se vão ao marxismo. Os marxistas esclarecidos já não repetem simplesmente que Religião seja ópio para o Povo. Completando o pensamento de Marx com palavras do próprio Marx, reconhecem que o cristianismo, por um lado, é a expressão da miséria real, mas, por outro, o protesto contra esta miséria (CÂMARA, 1966f, p. 3).

No decorrer desse discurso, observa-se que o clérigo supracitado não atacava o marxismo com táticas de demonização da referida ideologia, mas tratava essa corrente de pensamento como uma forma de humanismo que se limita a refletir sobre questões relacionadas à economia e ao mundo material, a partir de suas relações de trabalho/exploração. Contudo, segundo arcebispo Câmara, esse humanismo ateu/materialista podia ser percebido e articulado com o pensamento cristão no que concernia à preocupação com o social e à dignidade dos mais pobres. Para Dom Helder, o momento do pós-Vaticano II era o ideal para provar que a Igreja não se restringia ao púlpito e à sacristia, mas que estava disposta a enfrentar as injustiças impostas pelo subdesenvolvimento aos países/regiões mais pobres do mundo.

A preocupação em criar pontes entre o humanismo marxista e o cristão, na concepção de Dom Helder Câmara, passava pela valorização da concepção de que o homem era um cocriador ou coautor do mundo. Essa percepção foi defendida por Dom Helder em palestras como: *Responsabilidade e alegria de ser cristão...*, apresentando na formatura da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil, em 1967; como também na aula intitulada: *Eu sou o Caminho...*, ministrada na inauguração do Instituto de Teologia do Recife (ITER), em 1968 (CÂMARA, 1967r; 1968b).

Desse modo, no campo de aplicabilidade desses discursos, em 07 de março de 1968, Dom Helder Câmara inaugurou o ITER, celebrando uma missa juntamente com Dom José Maria Pires, de João Pessoa, e o Abade Dom Basílio Penido, no Auditório da Faculdade de Filosofia do Recife. Na ocasião, estavam presentes o então governador, Nilo Coelho, alguns padres e leigos (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 08.03.1968, p. 3).

Inicialmente, o padre Marcelo Cavalheira, diretor do ITER, discursou aos presentes sobre a finalidade do Instituto, ficando ao arcebispo Dom Helder a incumbência de ministrar a primeira aula. Na ocasião, Dom Helder Câmara apresentou a aula intitulada: “*Eu sou o Caminho...*”, em referência ao que as siglas ITER representam em latim, no caso, caminho. Na abertura,

disse o arcebispo: “Abre-se, neste instante, o Instituto Teológico do Recife, ITER. Caminho. Caminho vivo para vivos. Encruzilhada de Caminhos, por onde passarão representantes de todo o Povo de Deus” (CÂMARA, 1968b, p. 1). O Instituto tornou-se, como dito na referida aula, um espaço de formação não apenas para seminaristas, mas para religiosos, leigos católicos, protestantes e, como desejado pelo arcebispo, para aqueles que também não professavam uma fé. A ideia, segundo encontra-se no texto dessa primeira aula, estava em criar no Instituto o ambiente de convivência ecumênica proposto já no Concílio Vaticano II (CABRAL, 2001).

O que se percebe na escrita do texto, lido nessa primeira aula, é a preocupação de Dom Helder em apresentar o lugar social e de atuação do ITER a partir de um conjunto de problemas que deveriam ser vivenciados e enfrentados. O primeiro ponto a ser levantado estava relacionado à forma como a Igreja Católica, pós-Vaticano II e pós-Conferência de Mar Del Plata (1966), percebiam a essência do homem. No caso, Dom Câmara apresentava que a Teologia compreendia o homem como um cocriador do mundo e de sua realidade. Essa concepção, para o religioso em questão, possibilitava a Igreja sobrepujar as acusações de ateus e de marxistas que a religião era o “...ópio do povo a favor da alienação” (CÂMARA, 1968b, p. 3).

Ao compreender o homem como sujeito da própria história, apresentava Dom Helder em sua aula que as críticas e receios de agnósticos, ateus e marxistas caíam por terra, tornando assim a Igreja um lugar de atração para essas pessoas. Nesse ponto, observa-se o posicionamento do arcebispo Câmara frente ao mundo socialista, tendo em vista que o mesmo expôs que acreditava que a humanidade marchava em direção ao socialismo e, por esse motivo, a frente de batalha encontrava-se em deslegitimar a concepção materialista daqueles que aderissem ao socialismo. Desse modo, uma Igreja atuante e preocupada com questões socioeconômicas e com a aplicabilidade de soluções para homem, de forma integral, tornava-se a principal arma contra o comunismo ateu. Interessante visualizar nesse texto de Dom Helder, que, diferente das acusações de que ele era comunista, o religioso em questão compreendia que o enfrentamento ao comunismo deveria se dar por meio de uma Igreja atuante em projetos de desenvolvimento para os países pobres, ocupando assim o lugar de ação da esquerda política (O GLOBO, 23. 01. 1967. p. 5; DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 16.10. 1966, p. 2).

Ao direcionar o seu olhar para a América Latina e para o mundo em desenvolvimento, ele destacou que a partir de uma Teologia do

desenvolvimento, alicerçado num novo humanismo cristão, formado a partir do espírito do Vaticano II, o Continente conseguiria empreender um processo de crescimento que proporcionasse melhores condições de vida para os mais humildes. Lembrando que um dos principais temas que levou Dom Helder a afastar-se da SUDENE, foi a compreensão que aquele órgão empreendia um desenvolvimento que distanciava cada vez mais os ricos dos pobres, proporcionando um colonialismo interno e um desenvolvimento sem justiça social.

Acreditava Dom Helder que o ITER, ao formar sacerdotes e leigos, contribuiria para esse processo e para a transformação da própria vivência cristã, como destacou:

Ganharemos em estudar a secularização, ângulo latino-americano. Nos cristãos deste Continente optamos pelo desenvolvimento, que transformamos em batalha nossa.

Ora, não podemos ter ilusões: na medida em que o desenvolvimento se firma em nossas áreas, delas irá desaparecendo o cristianismo ingênuo de nossa Gente. Que belo desafio, formular um desenvolvimento integral que leve as Massas a tronar-se Povo o simultaneamente, reembase a fé de nossos Caboclos, transfiguro mágica e fatalista, de hoje, em encontro pessoal e adulto com o Cristo, amanhã (CÂMARA, 1968b, p. 4).

Uma nova concepção de fé cristã é então apresentada, uma fé pautada na compreensão de um humanismo cristão de que o homem é coautor de Deus na construção de sua própria realidade. Assim, para Dom Helder, o Instituto poderia contribuir na criação de uma Teologia que possibilitasse uma mudança social. Nesse caso, destacou o Arcebispo o texto do Papa Paulo VI na Encíclica *Populorum Progressio*, lendo o seguinte trecho ao seu público: “O Papa chega a dizer: que nos entendam bem; a situação presente deve ser enfrentada corajosamente. O desenvolvimento exige transformações audaciosas, profundas e inovadoras. As reformas devem ser empreendidas, sem nenhuma demora.” (CÂMARA, 1968b, p. 4).

Ao direcionarmos nosso olhar para um dos textos lidos na Universidade de Cornell, em 1967, Dom Helder explicou:

An important feature of the new vision of christian humanism is its understanding attitude towards the atheistic humanisms. Far from being startled or irritated at the sight of some of the more important philosophical systems of our time treading the path to na atheistic humanism it rejoices in

that, although there is a theoretical estrangement from God to be deplored, there is at least the desire to safeguard man, which means safeguarding half the Law. And he who clings tightly to the creature also clings, no matter how unintentionally or unwittingly, to the Creator and Father (CÂMARA, 1967j, p. 2-3).

Contudo, dentre as consequências desses discursos que defendiam os diálogos entre campos distintos dos humanistas – cristãos e ateus – estiveram as acusações de que Dom Helder Câmara era comunista, recebendo da imprensa e de opositores a alcunha de Arcebispo Vermelho (FERRARINI, 1992; CHATEUBRIAND, 1967; 1968; ANDRADE, 1970). Em vários momentos, Dom Helder condenou frequentemente o uso de discursos de caráter puramente anticomunista, como forma de argumentação unilateral e com intuito de combater um suposto inimigo externo/interno. Para o religioso em questão, a prática anticomunista acabava, muitas vezes, servindo de publicidade para a esquerda e de pouca eficácia para aqueles que se opunham a tal pensamento político e filosófico.

Como exemplo dessa crítica, destacamos um evento de formatura da turma de medicina da Universidade Federal de Alagoas, em 1967, em que ele foi escolhido para ser paraninfo (CÂMARA, 1967s). Nessa ocasião, antecipou o Arcebispo de Olinda e Recife certos aspectos das condições de funcionamento e atuação dos sindicatos rurais que seria exposto no mês seguinte exposto na cidade de Carpina no I Encontro das Federações dos Trabalhadores Rurais (CÂMARA, 1968a). O texto de Carpina, que levou à interpelação judicial de Dom Helder Câmara, foi um dos mais controversos do religioso. Voltando ao escrito apresentado na UFAL, em dezembro de 1967, que recebeu o título: *Doença aguda de que livrar o Brasil*, nós encontramos uma antecipação do quealaria Dom Helder posteriormente aos camponeses no município de Carpina, sendo assim um texto importante para compreender o engajamento desse religioso em prol da justiça social.

Falando aos formandos do curso de medicina, no tópico chamado: *Medo dos Trabalhadores*, Dom Helder destacou que o medo social, criado pelo anticomunismo, fazia com que todos aqueles que tinham uma vida pública de ativismo, fossem classificados por seus opositores como socialistas ou comunistas. O religioso denunciou que: “Levantar-se contra injustiças, mesmo que sejam gritantes? É subversivo. Congregar companheiros para reagir, mesmo de maneira não-violenta e democrática, contra injustiças? É esquerdista e agitador perigoso” (CÂMARA, 1967s. p. 2).

Observações, nesse sentido, podem ser localizados em vários outros textos de Dom Helder, tendo em vista que o próprio religioso foi frequentemente acusado de ser subversivo/comunismo. Sobre as práticas anticomunistas e as denúncias dos opositores em relação a Dom Helder Câmara, destacamos um trecho de uma entrevista do Arcebispo de Olinda e Recife sobre esses episódios, em que ele argumentou: “Quanto à acusação de comunista, acentuou que se um bispo, um sacerdote, alguém, em vez de dar esmolas, procura ajudar o pobre a ter consciência de si mesmo, de suas potencialidades, de capacidade de superação, é considerado comunista.” (O GLOBO, 17.09. 1966, p. 6).

Somando-se a essa questão, no mesmo texto da UFAL, o arcebispo Câmara apontou também que o anticomunismo acabava tendo como alvo todos aqueles que se opunham ao *status quo*, sem levar em consideração a realidade de fato. Nesse sentido, no decorrer desse mesmo texto, agora no tópico: *Medo do Comunismo*, Dom Helder enfatizou:

Quando haverá bom senso para entender que:

- o anti-comunismo unilateral e extremado é perigoso como o comunismo: em nome dele se cometem arbitrariedades tão revoltantes que valem como propaganda do comunismo;
- a melhor maneira de combater o comunismo é vencer a miséria e levar à prática as reformas de base, não em termos de revisão e retoques, mas de mudanças profunda e rápida. (CÂMARA, 1967s, p. 5).

Ao participar de um evento na Bélgica, no ano de 1970, Dom Helder discursou sobre questões políticas relativas ao Pacto do Atlântico e às tensões da bipolarização do mundo entre capitalistas *versus* socialistas.

Sobre essa abordagem, enfatizou o arcebispo:

II. Algumas graves implicações de um Pacto que parece tranquilo

1. Obsessão anti-comunista e suas consequências

Há pessoas inteligentes e sinceras que julgam, tranquilamente, que o mais grave problema de hoje é a luta entre comunistas e não-comunistas. Os que pensam desta maneira, olhando o lado socialista, descobrem nele o esmagamento da pessoa humana, da família, da pátria, da Religião; olhando o lado anti-comunista, nele encontram a honra, o amor da verdade, o respeito aos direitos humanos, às tradições familiares, nacionais e religiosas. É difícil compreender que aqueles que tem esta visão do mundo desejam Cruzadas

contra o Comunismo e tenham uma aprovação prévia para todas as medidas necessárias – inclusive as guerras mais sangrentas e horríveis – desde que se trate da defesa do Mundo livre.

A divisão, a verdadeira divisão, em nossos dias não é entre capitalismo e socialismo, entre leste e oeste, mas entre o hemisfério norte e o hemisfério sul (CÂMARA, 1970e. p. 2).

Nessa citação, encontra-se uma crítica ao posicionamento anticomunista, procurando o clérigo em questão redirecionar o foco para o que ele entendia como a verdadeira ameaça, no caso, os problemas econômicos oriundos do distanciamento da qualidade de vida entre as nações desenvolvidas e as subdesenvolvidas. O maniqueísmo político foi então alvo de condenações desse religioso, que acreditava poder construir, por meio do diálogo e de uma visão humanista, um desenvolvimento socioeconômico realmente integral e com alicerces cristãos.

Enfim, construir um caminho humanista e integral para o desenvolvimento, na concepção dos textos de Dom Helder Câmara, passava pela criação de diálogos entre a doutrina social da Igreja e campos do saber técnico e, também, dos intelectuais ateus. No lugar do enfrentamento anticomunista, a proposta era a interlocução e a criação de uma rede de atuação e reflexão que viabilizasse um desenvolvimento das nações pobres.

Considerações Finais

As compreensões de Dom Helder Câmara nas questões sociais foram classificadas como um desenvolvimentismo integral por compreender que tão necessárias quanto às justiça no campo social e econômico, estavam também a preocupação com o espectro espiritual. Essa compreensão acerca das práticas desenvolvimentistas foi construída, em nossa pesquisa, a partir das análises dos escritos pessoais e dos textos apresentados em conferências por ele, somados a periódicos e cartas circulares. Com base nesse diversificado suporte documental, percebemos como principais influências os intelectuais católicos Jacques Maritain e Padre Louis Joseph Lebret. Esses, respectivamente, contribuíram com as perspectivas de um humanismo integral e de uma economia humanitária.

Dom Helder compreendeu, no decorrer dos anos 1960, como a década do desenvolvimento por acreditar que os avanços tecnológicos e os índices crescentes da economia favoreciam a cenários políticos e sociais otimistas para o futuro. No caso de nossa investigação, priorizamos os anos de 1964

a 1970, sendo relevantes para a escolha dessas datas alguns critérios ligados a acontecimentos que marcaram um deslocamento de atividades desse religioso. O objetivo foi discutir, dentro desse contexto, como Dom Helder tratou, em seus escritos e nas atividades políticas, os seus interesses pelo desenvolvimentismo e as peculiaridades das escolhas pessoais desse sacerdote em meio aos ambientes em que esteve inserido.

A confecção desse artigo contribuiu para a discussão sobre as relações entre religiosos católicos e a modernização da Igreja nos primeiros anos do governo ditatorial no Brasil, na década de 1960. Considerando que, nas décadas seguintes ocorreram acirramentos das tensões entre essa instituição religiosa e o governo civil-militar, somados com as novas abordagens sociais da Teologia da Libertação que acabaram relegando o tema do desenvolvimento a um segundo plano. Como fio condutor para essa trama, escolhemos pesquisar Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, e o entendimento dele em relação aos temas do humanismo, comunismo e desenvolvimento socioeconômico com os possíveis diálogos com a doutrina social da Igreja. Contudo, longe de elaborar respostas categóricas sobre o tema abordado, a intenção de nossa escrita foi proporcionar caminhos viáveis de análise e incentivar os debates futuros em relação ao assunto em outros espaços de debate e em trabalhos acadêmicos.

7. Fontes documentais:

Escrita pessoal de Dom Helder Câmara

CÂMARA, Helder. **Discurso de Paraninfo da Escola de Agronomia da Universidade Rural**. Recife, Pernambuco, 19 de dezembro de 1964.

CÂMARA, Helder. **Inauguração que vale um símbolo**. Discurso de inauguração do Seminário Regional do Nordeste, Recife, Pernambuco, 02 de maio de 1965a.

CÂMARA, Helder. **Encontro do Nordeste – Discurso de encerramento**. Recife, Pernambuco, 1, 2 e 3 de julho de 1965b.

CÂMARA, Helder. **“Vamos ao âmago do problema”**. Discurso de encerramento da 2ª Conferência Européia dos Jovens Dirigentes Cristãos de Empresas (UNIAPAC), Amsterdam, Holanda, 27 de novembro de 1965c.

CÂMARA, Helder. **Missão a confiar à Bélgica**. Discurso na Maison de l'Amérique Latina a convite da União dos Patrões Cristãos e sob o patrocínio de S. Excia. o Cardeal Suenens, Bruxelas. Bélgica, 25 de abril de 1966a.

CÂMARA, Helder. **Palavras de paraninfo aos Concluintes do Curso da CEPAL.** Salvador, Bahia, 26 de agosto de 1966b.

CÂMARA, Helder. **Presença da Igreja no desenvolvimento da América Latina.** Buenos Aires, Argentina, outubro de 1966c.

CÂMARA, Helder. **Superação do colonialismo interno.** Discurso de Paraninfo na Formatura da Escola de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, 08 de dezembro de 1966d.

CÂMARA, Helder. **Ciência e fé no século XXI.** Formatura da Escola Politécnica, Campina Grande, Paraíba, 17 de dezembro de 1966e.

CÂMARA, Helder. **Universidade, cristianismo e marxismo.** Discurso de Paraninfo na Formatura da Escola de Ciências Sociais, Caruaru, Pernambuco, 19 de dezembro de 1966f.

CÂMARA, Helder. **Diálogo de Universidades.** Discurso de Paraninfo na Formatura da Escola Politécnica, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 12 de janeiro de 1967a.

CÂMARA, Helder. **O diálogo entre Universidades.** Conferência na Cornell University, Ithaca, New York, USA, 07 de fevereiro de 1967b.

CÂMARA, Helder. **Influência da Igreja e da Universidade sobre a política norte-americana na América Latina.** Intervenção no Simpósio da Cornell University, New York, USA, 07 a 09 de fevereiro de 1967c.

CÂMARA, Helder. **Relações Ecumênicas: Problemas antigos, novas possibilidades.** Palestra na Igreja Episcopal de Washington, USA, 07 a 09 de fevereiro de 1967d.

CÂMARA, Helder. **A Universidade e a Igreja: Parceiros em humanização?** Intervenção no Simpósio da Cornell University, New York, USA, 07 a 09 de fevereiro de 1967e.

CÂMARA, Helder. **Humanisme religieux et laïc contemporain.** USA, 07 de fevereiro de 1967f.

CÂMARA, Helder. **Religious and secular humanism today.** Simpósio da Cornell University, New York, USA, 07 de fevereiro de 1967g.

CÂMARA, Helder. **Educação para mudança.** USA, 10 de fevereiro de 1967h.

CÂMARA, Helder. **Relações ecumênicas Problemas antigos, novas possibilidades.** USA, 13 de fevereiro de 1967i.

CÂMARA, Helder. **Encíclica a responder com atos.** Discurso de Paraninfo na Formatura do III Curso CEPAL – BNDE – Agêntes Financeiros. Curso de Projetos de Desenvolvimento Econômico, Aracaju, Sergipe, 22 de abril de 1967j.

CÂMARA, Helder. **Recife e Milão, irmãs em responsabilidade em face ao desenvolvimento.** Milão, Itália, 27 de maio de 1967k.

CÂMARA, Helder. **Imposições da solidariedade Universal.** Conferência em São Paulo, por iniciativa da Pontifícia Universidade Católica e da Folha de São Paulo, São Paulo, 19 de junho de 1967m.

CÂMARA, Helder. **Tríplice desafio ao Brasil em Pernambuco.** Palestra na Universidade Federal de Goiânia, a propósito da *“Populorum Progressio”*, Goiânia, 20 de junho de 1967n

CÂMARA, Helder. **Educação para o desenvolvimento.** Painele promovido pelo Instituto de Pesquisa e Estudos da Realidade Brasileira, Ciclo de debates sobre *“Populorum Progressio”* e a Realidade Brasileira. Brasília, 21 de junho de 1967o.

CÂMARA, Helder. **Retomada do desenvolvimento.** Formatura da Turma CEPAL/BNDE, Fortaleza, Ceará, 26 de agosto 1967p.

CÂMARA, Helder. **Balanço de um pastoreio.** Discurso para receber o título de Cidadão Recifense, pela Câmara Municipal da Cidade, Recife, Pernambuco, 11 de setembro de 1967q.

CÂMARA, Helder. **Responsabilidade e alegria de ser cristãos.** Discurso de Parainfo na Formatura da Faculdade de Teologia, da Igreja Metodista do Brasil. São Paulo, 12 de setembro de 1967r.

CÂMARA, Helder. **Doença aguda de que livrar o Brasil.** Discurso de Parainfo na Formatura da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 16 de dezembro de 1967s.

CÂMARA, Helder. **Conversa clara faz bons amigos.** Palestra do I Encontro das Federações dos trabalhadores rurais. Carpina, Pernambuco, 26 de janeiro de 1968a.

CÂMARA, Helder. **Eu sou o caminho...** Aula inaugural do Instituto Teológico do Recife, Recife, Pernambuco, 07 de março de 1968b.

CÂMARA, Helder. **Os jovens exigem e constroem a paz.** Intervenção no painel realizado durante o Congresso Mundial da Federação Mundial das Juventudes Femininas Católicas e da Federação Internacional da Juventude Católica. Berlim, Alemanha, 16 a 25 de abril de 1968c.

CÂMARA, Helder. **Única opção, a violência?** Paris, França, 25 de abril de 1968d.

CÂMARA, **A pobreza na abundância.** Palestra proferida por ocasião da 50ª Semana Social Walona. Liège, Bélgica, 19 de abril de 1968e.

CÂMARA, Helder. **Engenharia Industrial, bela e comprometedora profissão.** Discurso de formatura da Escola de Engenharia Industrial da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, São Paulo, 29 de setembro de 1968f.

CÂMARA, Helder. **Hora de libertação.** Discurso pelo parainfo na formatura da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, 15 de dezembro de 1968g.

CÂMARA, Helder. **Forças armadas e universidade.** Palestra realizada na Universidade de Harvard.

Cambridge, Massachusetts, USA, 27 de janeiro de 1969a.

CÂMARA, Helder. **Desafio que honra uma geração**. Discurso de Parainfo na formatura da Escola de Engenharia Industrial da PUC-SP. São Paulo, São Paulo, 04 de março de 1969b.

CÂMARA, Helder. “**Quaisquer que sejam as consequências**”. Paris, França, 26 de maio de 1970. *Apud.*: CIRANO, Marcos. **Os caminhos de Dom Helder**: perseguições e censura. Recife: Editora Guararapes, 73-79, 1983.

CÂMARA, Helder. **Resposta fraterna ao BLACK MANIFESTO**. Detroit, USA, janeiro de 1970a.

CÂMARA, Helder. **Gandhi, onde está tua vitória?** Palestra pronunciada durante sua viagem pelo Canadá, USA e Suíça, janeiro de 1970b.

CÂMARA, Helder. **Projetos de desenvolvimento e preocupação com mudanças de estruturas**. Conferência pronunciada na “World Consultation on Ecumenical Assistance for Development Projects”, promovida pelo World Council of Churches. Montreux, Suíça, 29 de janeiro de 1970c.

CÂMARA, Helder. **Impossível desenvolvimento sem juventude**. Conferência proferida durante o Congresso Mundial “Juventude e Desenvolvimento”. Salzburg, Áustria, 20 de maio de 1970d.

CÂMARA, Helder. **Pacto político e militar ou pacto de justiça e de amor?** Bruxelas, Bélgica, 21 de maio de 1970e.

CÂMARA, Helder. **Contribuição da Igreja para a vida social na América Latina**. Conferência proferida em Bonn, sob os auspícios da Comissão Alemã de Justiça e Paz. Bonn, Alemanha, 23 de outubro de 1970f.

CÂMARA, Helder. **Circulares Conciliares** – de 12 de setembro a 22/23 de novembro de 1964. (org). Luiz Carlos L. Marques. 2ª. Edição. Vol. I. Tomo II. Recife: Editora CEPE, 2009a.

CÂMARA, Helder. **Circulares Conciliares** – de 10/11 de setembro a dezembro de 1965. (org). Luiz Carlos L. Marques. 2ª. Edição. Vol. I. Tomo III. Recife: Editora CEPE, 2009b.

CÂMARA, Helder. **Circulares Interconciliares** – de 23/24 de novembro de 1964 a 17/18 de abril de 1965. (org). Luiz Carlos L. Marques. Vol. II. Tomo II. Recife: Editora CEPE, 2009c.

CÂMARA, Helder. **Circulares Pós-Conciliares** – de 09/10 de dezembro de 1965 a 30/31 de maio de 1966. (org). Zildo Rocha e Daniel Sigal. 2ª. Edição. Vol. III. Tomo I. Recife: Editora CEPE, 2011a.

CÂMARA, Helder. **Circulares Pós-Conciliares** – de 31 de dezembro de 1966/1º de janeiro de 1967 a 29/30 de julho de 1967. (org). Zildo Rocha e Daniel Sigal. Vol. III. Tomo III. Recife: Editora CEPE, 2011b.

CÂMARA, Helder. **Circulares Pós-Conciliares** – de 05/06 de agosto de 1967 a 13/14 de feve-

As palestras de Dom Hélder Câmara: reflexões sobre humanismo, comunismo e 109 desenvolvimento socioeconômico para o mundo subdesenvolvido na década de 1960

reiro de 1968. (org). Zildo Rocha e Daniel Sigal. Vol. VI. Tomo I. Recife: Editora CEPE, 2013a.

CÂMARA, Helder. **Circulares Pós-Conciliares** – de 25/26 de fevereiro de 1968 a 30/31 de dezembro de 1968. (org). Zildo Rocha e Daniel Sigal. Vol. VI. Tomo II. Recife: Editora CEPE, 2013b.

CÂMARA, Helder. **Circulares Pós-Conciliares** – de 31 de dezembro de 1968/1º de janeiro de 1969 a 04/05 de julho de 1969. (org). Zildo Rocha e Daniel Sigal. Vol. VI. Tomo III. Recife: Editora CEPE, 2013c.

CÂMARA; Helder; BROUCKER, José de. **The conversions of a Bishop: an interview with José de Broucker.** New York, USA: Collins, 1979.

Documentos eclesiais

CONSTITUIÇÃO PASTORAL. **Gaudium et Spes.** Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html> Acesso em: 21 abr. 2017.

JOÃO XXIII. **Mater et Magistra.** Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html> Acesso em: 25 fev. 2017.

JOÃO XXIII. **Pacem in Terris.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html> Acesso em: 25 fev. 2017.

PAULO VI. **Populorum Progressio.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html> Acesso em: 21 abr. 2017.

Periódicos

A influência da Igreja e da Universidade. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 de março de 1967. Cad. Especial - p. 5.

ANDRADE, Theophilo. A “igrejinha” vermelha. **Diário de Pernambuco**, Recife, 16 de janeiro de 1970. Cad. 1º - p. 4.

Bispos atuam no desenvolvimento. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 de julho de 1968. p.7

CHATEUBRIAND, Assis. A lividez dos monstros frios. **Diário de Pernambuco**, Recife, 30 de novembro de 1967. Cad. 1º - p. 4.

CHATEUBRIAND, Assis. De Hitler a Mão. **Diário de Pernambuco**, Recife, 03 de janeiro de 1968. Cad.1º - p. 4.

Desenvolvimento é meta para a Igreja. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1967. p.5; Dom Helder não quer ser primeira página. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1966. p. 6.

Igreja pode abolir escravidão econômica, afirma Dom Helder. **Diário de Pernambuco**, Recife, 16 de outubro de 1966. Cad. 1º - p. 2.

Missa aula de Dom Helder inauguram o Instituto de Teologia do Recife. **Diário de Pernambuco**, Recife, 08 de março de 1968. Cad. 1º - p. 3.

Padre Helder pede a criação de eixo Goiás-Nordeste para ocupação da Amazônia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1967. p. 14.

Pe. Helder em Nova Iorque diz que humanismo cristão respeita humanismo ateu. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 09 de fevereiro de 1967. p. 4.

Bibliografia

ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. **Revisitando o campo: lutas, organização, contradições** - Pernambuco 1962-1987. 2003, 260f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco / Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2003.

ANGELO, Michelly Ramos de. **Louis-Joseph Lebret e a SAGMACS: A formação de um grupo de ação para o planejamento urbano no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2013.

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. **Báculo no meio dos caminhos: modelos Eclesiais em conflito no Regional Nordestino II (1965-1990)**. 2001, Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco / Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BANDEIRA, Marina. **A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964)**. Anotações para uma História da Igreja no Brasil (Ensaio e Interpretação). Rio de Janeiro: Editora Vozes: Educam, 2000.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II de Medellín a Santo Domingo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BIDEGAN, Ana Maria. From Catholic Action to Liberation Theology the historical process of the laity in Latin America in the twentieth century. **Notre Dame, In.:** Helen Kellogg Institute for International Studies, University of Notre Dame. n.º 48, p. 1-26, november 1985.).

FERRARINI, Sebastião Antonio. **A imprensa e o Arcebispo Vermelho (1964-1984)**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992.

LEBRET, Louis-Joseph. **Suicídio ou sobrevivência do Ocidente?** Problemas fundamentais de nossa civilização. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1964.

LÓWY, Michael. **O que é Cristianismo da Libertação:** religião e política na América Latina.

As palestras de Dom Hélder Câmara: reflexões sobre humanismo, comunismo e 111 desenvolvimento socioeconômico para o mundo subdesenvolvido na década de 1960

São Paulo: Editor Fundação Perseu Abramo; Expressão Popular, 2016.

LÖWY, Michael. As esquerdas na ditadura militar: o cristianismo da libertação. *In.*: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **Revolução e democracia (1964...)**. (As esquerdas no Brasil; v.3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 304-320, 2007.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

MARITAIN, Jacques. **Humanismo Integral**. São Paulo: Dominus Editora, 1962.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. SP: Contexto, 2014.

PILETTI, Nelson & PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Câmara, o profeta da paz**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura militar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Submetido em: 4-4-2023

Aceito em: 14-9-2023